

LINHAS DE PRATA E AGULHAS DE OURO

Faith Andrews Bedford

No canto do quarto de minha filha, há uma caminha de boneca coberta com uma minúscula colcha cor-de-rosa. Esse foi o meu primeiro trabalho de costura feito com retalhos de urna colcha grande que minha avó havia costurado para sua cama.

Quando eu era menina, achava que minha avó sabia fazer qualquer coisa. Eu admirava uma blusa na vitrina de uma loja e, na semana seguinte, já estava usando uma igual. Os guarda-roupas de minhas bonecas eram dignos de uma princesa.

Para uma criança como eu, a caixa de costura da vovó era uma arca do tesouro: carretéis de linhas coloridas enfileirados em ordem, tesouras que cortavam em ziguezague guardadas em um pequeno estojo de couro vermelho, alfinetes de cabeças coloridas espetados em uma almofada vermelha. O melhor de tudo era a caixa de botões. Havia botões de todos os tipos: quadrados imitando diamantes, de madeira com flores azuis, enfeitados com corações de estanho e uma grande quantidade de botões de madrepérola tirados de camisas velhas para serem reaproveitados. Minha avó não desperdiçava nada.

Na década de 1950, todas as meninas precisavam cursar uma matéria chamada Economia Doméstica. A sala de aula tinha fileiras de máquinas de costura pretas e reluzentes com gavetas cheias de objetos misteriosos de metal. Aprendíamos a encher urna carretilha, fazer costuras rebatidas e dominar a fundo a tarefa mais difícil de todas – pregar zíper.

Depois disso, aprendemos a fazer de tudo, desde apoios para vasos até aventais e saias pregueadas. As roupas eram exibidas na feira de moda da primavera. Enquanto eu desfilava na passarela com minha blusa vermelha do tipo chemisier, vi o rosto orgulhoso de vovó e sorri. Só ela sabia que eu havia costurado e descosturado o zíper três vezes.

Quando meus pais me deram uma mesada para comprar roupas, descobri que, no lugar de uma saia pronta, eu podia comprar tecido para fazer três saias. Lindos vestidos de baile podiam ser recriados, porque minha avó me ensinou a fazer as adaptações. Passei das roupas comuns para as roupas de grife. Porém, na pressa de terminar um vestido, eu cometia erros. Certa tarde, ao me ver em prantos por causa de um colete de veludo que ficou totalmente arruinado, minha avó me ensinou a dominar a arte de dar um passo ou dois por vez. As etapas, desde cortar e marcar com alfinetes até terminar a peça, foram muito importantes em minha adolescência. Minha concentração para conseguir emendar uma parte na outra desviava os meus pensamentos das ansiedades comuns aos adolescentes, tais como provas de biologia, namorados ou testes para artes dramáticas.

Os vestidos de baile deram lugar a roupas de trabalho e, finalmente, ao vestido de noiva. Vovó ajudou-me a colocar na mala a minha roupa de lua-de-mel feita em casa: uma saia longa e uma blusa franzida para eu usar

ao lado da lareira em nossa residência de inverno. Para o novo apartamento, eu fiz todas as capas da mobília.

Quando nosso primeiro filho nasceu, aprendi a fazer aplicações em tecido: barquinhos e trenzinhos para enfeitar suas roupas de praia. A chegada de duas meninas transformou-se em oportunidade para bordados e pregueados. Enquanto elas dormiam de dia, a silenciosa disciplina de costurar passou a ser uma terapia para mim. Compreendi que os ensinamentos de minha avó abrangeram todas as áreas de minha vida, porque ela me ajudou a ver a plenitude da criatividade que se estendeu além das agulhas e das linhas.

Vovó morreu há muitos anos, mas seus ensinamentos perduram até hoje. Quando meus alhos cresceram e quiseram coisas que não podiam comprar ou que eram difíceis de encontrar, eles também descobriram o prazer criativo da costura. Nosso filho alpinista, assustado com o preço de uma calça especial para escalar montanhas, costurou uma para si. Nossa filha mais velha comprou roupas baratas em uma loja e fez algumas alterações para que se tornassem peças de criação própria. A mais nova aprendeu a arte de combinar estampas de tecidos e passou a criar roupas exclusivas.

Já tenho netas. Enquanto costuro vestidos para elas, eu me dou conta de que essas roupinhas são costuradas com a mesma linha que minha avó me deu, a linha que une gerações – a linha do amor.